



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

CURSO DE / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS-INGLÊS

ROBERTA LUANA RODRIGUES DA CUNHA

**VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A COR PÚRPURA* DE
ALICE WALKER**

**GUARABIRA, PB
2022**

ROBERTA LUANA RODRIGUES DA CUNHA

VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A COR PÚRPURA* DE ALICE WALKER

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Letras - Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Mangueira

**GUARABIRA, PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C247v Cunha, Roberta Luana Rodrigues da.
Violência e opressão [manuscrito] : uma análise do romance a cor púrpura de Alice Walker / Roberta Luana Rodrigues da Cunha. - 2022.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. José Viliam Manguieira ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Alice Walker. 2. A Cor Púrpura. 3. Violência. 4. Mulher negra. I. Título

21. ed. CDD 813

ROBERTA LUANA RODRIGUES DA CUNHA

VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A COR PÚRPURA* DE
ALICE WALKER

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Programa de Graduação
em Letras - Inglês da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
obrigatório para a obtenção do título de
licenciado em Letras-Inglês.

Aprovada em: 23 / 03 / 2022 .

BANCA EXAMINADORA



Dr. José Vilian Manguiera (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Esp. Gabriel Lincoln Lopes Carvalho
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Drª Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as mulheres negras que lutaram e lutam até hoje pelo seu devido lugar na sociedade, DEDICO.

“Tudo começa ao quisermos entender algo, seja uma pessoa ou apenas um acontecimento” (WALKER, 2021).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ALICE WALKER E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA.....	12
3	A COR PÚRPURA E O LUGAR DA MULHER NEGRA.....	17
4	VIOLÊNCIA E OPRESSÃO DENTRO DA OBRA A COR PÚRPURA....	23
5	CONCLUSÃO	31
	REFERÊNCIAS	33

VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A COR PÚRPURA* DE ALICE WALKER

VIOLENCE AND OPPRESSION: AN ANALYSIS OF THE ROMANCE *THE COLOR PURPLE* BY ALICE WALKER

ROBERTA LUANA RODRIGUES DA CUNHA*
Dr. José Vilian Mangueira**

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de levantar uma discussão sobre violência e opressão que acontecem com a personagem protagonista Celie Johnson, do romance *A Cor Púrpura* (1982) da escritora afro-americana Alice Walker. Neste estudo, destacamos o modo como a protagonista do romance lida com a violência e opressão e quais os efeitos desses acontecimentos dentro do seu processo de evolução de vida. Tendo em vista que a protagonista é uma mulher negra pobre e analfabeta, abusada fisicamente e psicologicamente por homens a quem está legalmente submissa e que a destroem e atrasam o seu desenvolvimento pessoal da sua vida durante um longo tempo, vemos que Celie só consegue se libertar graças ao apoio de outras mulheres fortes presentes na narrativa.

Palavras-chave: Alice Walker. *A Cor Púrpura*. Violência. Mulher negra.

ABSTRACT

The present work aims to raise a discussion about violence and oppression that happen to the protagonist character Celie Johnson, from the novel *The Color Purple*, by the African-American writer Alice Walker. In this study, we highlight the way the novel's protagonist deals with violence and oppression and the effects of these events on her life evolution process. Considering that the protagonist is a poor and illiterate black woman, physically and psychologically abused by men to whom she is legally submissive and who destroy her and delay her personal development for a long time in her life, we see that Celie can only break free thanks to the support of other strong women present in the narrative.

Keywords: Alice Walker. *The color purple*. Violence. Black woman.

1 INTRODUÇÃO

Para este trabalho de conclusão de curso foi escolhida a obra *A cor púrpura* de Alice Walker, com destaque na personagem principal. A temática deste trabalho tem como objetivo elaborar discussões sobre violência e opressão, assim como mostrar a construção da sociedade estadunidense no Estado da Geórgia no início do século XX, projetada nessa obra. O contexto da narrativa é uma pequena cidade da Geórgia, sul dos Estados Unidos, onde a personagem Celie é vítima do racismo, do patriarcalismo e da violência sexual.

O romance *A cor púrpura*, da autora afro-americana Alice Walker, foi publicado pela primeira vez em 28 de março de 1982. Celie, a protagonista do romance epistolar¹ de Walker, por não ser uma mulher formada nem criada de modo que lhe possibilitasse saber sobre seus direitos, acaba crescendo e deixando passar despercebidas coisas que ela precisava para compreender a violência sexual que sofreu ou a transformação de seu corpo. Vivendo com poucas oportunidades de se autoconhecer, Celie demora a se identificar como sujeito de vontade, que mais a fundo é relacionado a essência do ser, ao qual através de sentimentos desenvolvidos ao decorrer da vida faz com que cada pessoa se conheça e saiba definir o seu jeito de viver, e a falta disso acabava Celie uma vítima mais vulnerável naquele ambiente opressor em que vivia.

O romance epistolar *A cor púrpura* de Alice Walker retrata várias questões como discriminação de raça e sexualidade. A obra vencedora do prêmio Pulitzer de ficção em 1983, vai contar a história e trajetória da personagem Celie uma jovem negra e semianalfabeta que teve sua vida marcada por abuso e opressões. A personagem passa maior parte da sua vida sendo violentada e oprimida por pessoas que deveriam ter uma responsabilidade afetiva sobre ela. Assim, Celie, de início, é estuprada pelo seu padrasto, que gera a consequência de dois filhos, com os quais ele desaparece tão logo quando nascem. Logo após, ela vai viver com o Sr. que, por sua vez, faz de Celie sua escrava doméstica e sexual. Assim, a vida de Celie é marcada por essas duas relações abusivas. Mas a obra apresenta também outras protagonistas mulheres, que vão se impor e mostrar para Celie coisas que antes ela por si só não conseguia compreender.

¹ O gênero literário chamado romance epistolar é caracterizado por uma narrativa escrita, principalmente, mas não exclusivamente, através de cartas.

A partir de tais conhecimentos repassados pelas relações com outras mulheres, Celie irá criar sua independência e vai superar a brutalidade com que foi tratada.

Neste caso a monografia de conclusão de curso (TCC) presente tem como objetivo realizar um estudo analítico sobre violência e opressão na obra *A cor púrpura* da autora Alice Walker, baseada em uma visão feita sobre a personagem principal, Celie. Nessa perspectiva, a seguinte pesquisa tem como método analítico e caráter qualitativo. O estudo nas temáticas apresentadas nessas obras está fundamentado através de grandes obras. Sendo eles: Bourdieu (2002), Beavoir (1967), Mbembe (2018), Krishna (1991), Wade (1984) cuja reflexão de cada um deles mencionada dentro do trabalho se faz como fundamento para chegar à seguinte conclusão sobre a temática principal: violência e opressão.

A nossa proposta de estudo se pauta em três objetivos específicos: 1. Analisar como a personagem Celie lida com a violência sexual presente em sua vida; 2. Mostrar como o racismo e a violência incentivaram o estupro; 3. Mostrar como a união de mulheres negras fez com que Celie obtivesse sua libertação de corpo e alma. Para tanto, dividimos este trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, será apresentado um pouco sobre a vida da escritora e sua representação como mulher negra. No segundo capítulo, será feita a junção de análise da obra com o papel da mulher negra daquela década. E no último capítulo, teremos a análise do objetivo principal sobre a violência e opressão com a protagonista dentro da obra. Todas as temáticas abordadas ao decorrer deste trabalho são de extrema importância para gerar uma reflexão e conscientização sobre as problemáticas que afetam as mulheres negra dentro da sociedade, e o peso que essa discriminação mencionada pode gerar na vida da mulher negra.

2 ALICE WALKER E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA

A escritora Alice Malsenior Walker nasceu em 09 de fevereiro de 1944 na cidade de Eatonton no estado da Geórgia, nos Estados Unidos da América. Foi a mais jovem de oito irmãos, filha de um casal que ganhava seu sustento por meio do trabalho rural (ou sharecropping). Apesar das dificuldades, a mãe de Alice, que para ajudar a aumentar o salário miserável era também costureira, vislumbrava um futuro melhor para a filha. Por isso, impediu a caçula de seguir os trabalhos rurais dos mais velhos, inscrevendo-a em uma escola aos quatro anos de idade.

Alice Walker perdeu a visão de um dos olhos aos oito anos de idade, num acidente, brincando com dois de seus irmãos mais velhos, quando foi atingida por uma bala de chumbo. A perda da visão de um olho prejudicou severamente sua autoestima. Mas, mesmo diante desta perda, ela, graças a seus inúmeros esforços e dedicação, conseguiu sucessivas bolsas de estudos. Em 1961, Walker recebeu uma bolsa para estudar na Spelman College, que na época era uma faculdade para mulheres negras, em Atlanta. Enquanto residia na cidade, Alice sempre foi presente nos protestos que havia pelos direitos civis; por exemplo: a escritora acompanhou marchas como a de Washington, entre outros eventos importantes durante a sua trajetória na cidade.

Insatisfeita com o posicionamento político da Spelman, que, segundo ela, preferia formar mulheres comportadas e sem espírito crítico a incentivar o ativismo, Walker partiu para o estado de Nova York, onde recebeu outra bolsa na Sarah Lawrence College, instituição de artes liberais que lhe proporcionou um intercâmbio estudantil em Uganda, em 1964. No mesmo período, um drama abalou Walker: a escritora precisou se submeter a um aborto, episódio que a colocou em profunda depressão. Seu único refúgio foi, novamente, a escrita. A autora escreveu poemas como forma de apaziguar sua ansiedade e dor e boa parte dos poemas da escritora serviram como base para sua primeira publicação.

Graduando-se em artes pelo Sarah Lawrence College no ano de 1965, iniciou sua carreira de escritora com *Once*, um volume de poesias, e alcançou fama mundialmente com *A Cor Púrpura*, objeto de análise deste trabalho. A autora escreveu também o livro *De amor e desespero*, uma obra composta pelas vozes de várias mulheres negras do sul dos Estados Unidos. O livro é uma coletânea de vários contos, nos quais conhecemos mulheres diferente com seus temores, desafios e sonhos.

Além de sua escrita, Alice Walker ficou internacionalmente conhecida por sua participação em movimentos pelos direitos civis, principalmente das causas negra e feminina, estacando-se na luta contra o Apartheid e contra a mutilação genital em alguns países africanos. Além de romancista premiada, é também autora de contos, ensaios, poemas e vários livros infantis. É proveitoso mencionar que no ano de 1984 fundou sua própria editora, Wild Trees Press, e que sua obra está traduzida para mais de vinte línguas.

Publicado com sucesso nos Estados Unidos em 1982, o romance *A Cor Púrpura* ganhou o Prêmio do National Book Award e do Pulitzer de ficção em 1983. Esta narrativa ficou ainda mais conhecida após a adaptação de Steven Spielberg para o cinema, no filme estrelado pela atriz Whoopi Goldberg que atuou brilhantemente como Celie e Oprah Winfrey como Sofia (*A COR PÚRPURA*, online, 2011).

A linguagem usada por Walker para dar vida a Celie não foi bem-vista na época de sua publicação, a rejeição do público com a obra foi simplesmente pelo fato dela abordar um tema que ainda era um tabu na época e que também se tornava algo ainda mais menosprezado por estar interligado a uma mulher negra. Com este acontecimento, vale lembrar que a obra de Walker vem tratar também das diferenças de relação entre negras e brancas, denunciando a situação da mulher negra americana que além de buscar se impor enquanto mulher (assim como buscaram as mulheres brancas), precisava superar o preconceito racial e sua "inferioridade" em relação à mulher branca. Por mais que o passado escravista estivesse extinto, a mulher negra ainda precisava lutar por sua sobrevivência juntamente com outras mulheres, pois só elas podem-riam mudar esse cenário, e deixarem de ser vítimas, tornando-se agentes principais de sua história.

A obra que iremos trabalhar nesse texto é composta por mulheres que mostraram que ainda é possível ter um final digno e vitorioso diante de toda e qualquer dificuldade que a vida possa lhe oferecer. A narrativa deixa evidente o controle masculino de inúmeras formas. O que é posto no romance coaduna com o que é apontado e enfatizado por Pierre Bourdieu (2002):

A dominação masculina encontra, assim, reunida as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de produção biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os hábitos moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que , que sendo universalmente partilhados , impõem-se a cada agente como transcendententes (p. 22).

Bourdieu, com essa afirmação, busca mostrar as situações visíveis, nas quais as próprias mulheres aplicam à realidade as relações de poder em que estão envolvidas. Sendo assim, percebe-se uma constrição de fortes poderes, onde se tem a existência de uma tentativa de convencer que a mulher foi criada e existe, exclusivamente, para suprir as necessidades masculinas. A figura da mulher exerce um papel de dupla subjugação, devendo ela não apenas seguir o modelo branco, mas também da condicionante de ser mulher, assim como nos elucida Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Assim, se reverbera na autorreflexão da mulher preta uma necessidade de aprovação dos fatos sociais exteriores ao próprio indivíduo. Ou seja, a mulher se constrói com base nas suas obrigações e condicionantes, pouco ou nada considerando a consciência inata que nela é desenvolvida; ou, se é considerado apenas a parte afligida e devidamente condicionada pelos instrumentos de controle que provocam uma sensação de “autovigia” a história da negritude feminina é intrinsicamente vinculada à obtenção e à manutenção de uma ruptura psicológica com que é imposta à mulher, instrumentalmente, por ações sociais alheias à sua própria mente, mas que lhe confere papéis e ações submissos frente ao análogo papel masculino e branco em nossa sociedade. Ou seja, a mulher preta é duplamente golpeada: pela própria sociedade e por aquilo que a própria sociedade a estigmatizou psicologicamente, gerando um controle sobre seu corpo, sobre sua cultura e sobre sua individualidade, agora não se escraviza pela imposição física, mas sim por um insciente coletivo racista e paradigmático.

De acordo com o que era aplicado à educação da mulher, o sexo feminino sempre foi incentivado e ensinado com limitações. E essas eram justificadas pela sua própria natureza “frágil” da mulher, sendo essa considerada inferior. Nas palavras da pensadora Simone de Beauvoir:

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela

sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas (BEAUVOIR, O segundo sexo, 1967, p.21)

Sendo assim, o movimento feminista se fez presente como um instrumento de emancipação da mulher negra de um papel já moldado, historicamente ligado à fragilidade e à submissão, pois, o objetivo é entregar a própria mulher aos moldes de sua liberdade, principalmente levados pelas consequências históricas do liberalismo: se agora os negros não deveriam mais ser escravizados, se agora a riqueza seria dada pelo mérito e não pelo berço, nada mais natural que a mulher recebesse seu devido espaço; contudo, tal processo enfrenta até hoje fortes barreiras.

O principal fator dessa dificuldade encontrada pelas mulheres se dá nas relações de biopoder, aquilo que, segundo o pensador camaronês Achille Mbembe, pode ser chamado de necropolítica, ou política da morte:

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “este velho direito soberano de matar”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e torna possíveis as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2018, p. 18).

Assim, os meios de poder materializam na morte sua capacidade destrutiva e de opressão, mas tão pouco limitando esse poder apenas a morte física, já que a morte da própria história e cultura torna a negritude feminina uma vítima muito mais fragilizada e separada de si, ao qual tem ligação com a necromemória. Este conceito de necromemória está presente na obra 1984, de George Orwell. Na obra, tal ideia é imposta pelo “Grande irmão” e tem como objetivo fazer com que através da produção de silêncio por grupos dominantes seja estabelecido uma perda de ideias e afetos que nos leva a questionar como eles nos afetam socialmente. Ou seja, gerar um esquecimento forçado de tal acontecimento ao qual algum grupo com um certo tipo de poder acha irrelevante ou ameaçador para a sua existência.

Alargando esse pensamento para nossa sociedade, percebemos que a necromemória é um processo de manipulação de memórias, e a memória que mais se apaga é a de corpos vulneráveis, pessoas ao qual não tinham voz na sociedade e não podia se posicionar diante de qualquer situação, que se tendo como exemplo

pessoas pobres e negras. Ainda é possível afirmar que o sangue que mais se derrama é do negro. A memória é apagada simbolicamente ou por meio de uma política aplicada a partir de um estado racista.

Levando essa ideia para a narrativa *A cor púrpura*, tendo em vista tudo o que a protagonista passou dentro de sua trajetória, é possível perceber que Celie luta inconscientemente contra o poder da necromemória de sua época. Isso fica evidente quando vemos que ela havia perdido a mãe, assim como também tinha perdido o contato com sua irmã, que, em suma, seriam as pessoas mais importantes na vida de Celie. Como não tem, durante boa parte da narrativa, mais ninguém que a considere, caso ela sumisse misteriosamente, ou caso algo acontecesse com ela, ninguém se importaria com a falta dela. Isso fica ainda mais evidente na figura do homem com quem ela é casada e tenta, de várias maneiras, apagar a vida de Celie.

Assim, entendemos que a “necromemória” presente nessa obra trata de promover o apagamento cultural e histórico da feminidade preta, cumprindo, desse modo, um controle absoluto de mente, corpo e passado, tirando o peso da cor da sua pele, o valor da sua história e a independência do seu corpo. Diante dessas forças, vemos que o processo de ressignificação da identidade feminina se torna mais árduo e complexo.

3 A COR PÚRPURA E O LUGAR DA MULHER NEGRA

Em *A cor púrpura*, obra épica de Alice Walker, temos uma representação da história da mulher negra norte-americana no início do século 20, centrando-se em três diferentes tipos de figura feminina. Embora elas sejam, na narrativa, tão diferentes entre si, elas conseguem, mesmo assim, firmar laços de amizade e sonoridade. Juntas, estas personagens clamam por direitos que, em suas individualidades, não tinham consciência de que era possível conquistar. Assim, essas mulheres negras buscam por livre-arbítrio, liberdade de expressão e escolha do seu rumo. Nelas, vemos a crua retratação da opressão social que é empregada às mulheres negras norte-americanas do período retratado pela obra.

Desse modo, Celie, Sofia e Shug Avery representam, em tempos e perspectivas, praticamente denominadas uma das mais difíceis para mulheres negras, a dificuldade da construção de uma identidade própria e da repressão contra

aquelas que minimamente pensam em viver em liberdade. Celie sempre se mantém calada, nunca se impõe diante de qualquer situação, seja lá qual for. Sofre abusos, violência, maus tratos, e sempre conta para Deus tudo o que sente em suas cartas. Sofia é uma mulher que não se sujeita às imposições dos homens, por isso é descrita como indomável por eles. Na primeira tentativa de Harpo de agredir Sofia ele é quem sai ferido. Sofia se impõe fortemente, mas não é só contra o patriarcalismo que teve de enfrentar. Sendo mulher negra no século XX, o racismo foi seu pior inimigo. Sua vida muda drasticamente ao se deparar com uma mulher branca que a vê como serviçal, diante disso a personagem vai enfrentar mais uma dificuldade em sua vida e mostrar, no decorrer da narrativa, o quão forte a mulher pode ser e quão longe ela pode chegar. Assim, ela representa força, coragem e determinação da mulher negra dentro da obra.

Já a Shug Avery é uma paixão antiga de Sr. que a leva para casa quando ela adoece. Shug é uma cantora famosa, filha de um reverendo que a considera pecadora por seguir seu sonho de ser artista e por não ser casada. Shug é independente e se impõe constantemente. E ao conhecer Celie, desenvolve uma relação de afeto com ela. Shug lembra para Celie o quanto ela é bonita e o quanto o sorriso dela é bonito e merece ser visto. Na personagem Shug, encontramos a representação da mulher negra como desejo e fetiche sexual, assim como Albert sentia o desejo por ela, mesmo depois de anos sem ver a mesma. A narrativa mostra que mesmo ela tendo um poder de autoridade sobre Albert, ela não ganha um crédito ou moral por isso dentro da sociedade. Desse modo, percebe-se aqui que seu poder se mistura ao desejo masculino e não a um respeito à sua identidade:

Num tem nada de grave com a Shug Avery. Ela só tá duente. Mais duente que qualquer pessoa que eu já vi. Ela tá mais duente que minha mãe tava quando morreu. Mas ela é muito mais brava que minha mãe e isso faz ela ficar viva. Sinhô _____ fica no quarto com ela o tempo todo de noite e de dia. Mas ele num segura a mão dela. Ela é brava demais pra isso. Deixa minha maldita mão solta, ela fala pro Sinhô _____. O que tá contecendo com você, você tá louco? Eu num preciso de nenhum fracote que num sabe dizer não pro pai grudado em mim. Eu preciso é de um homem, ela fala. Um homem. Ela olha pra ele, gira os olho e ri. Num é muita risada mas faz ele ficar longe da cama. Ele senta no canto longe da lamarina. Tem vez que ela acorda à noite e nem vê nada. Mas ele fica lá. Sentado na sombra mastigando o cachimbo dele. Mas sem tabaco dentro. Primeira coisa que ela falou. Eu num quero cheirar nenhum cachimbo fedorento f. da p., tá me entendendo, Albert? (WALKER, 2021, p.63).

Em *Shug*, temos a representação da figura feminina que deve ser conquistada pelo masculino. Como mostra o texto, ela tem a necessidade de um “homem forte”, já que, na percepção da sociedade, uma mulher para ser bem-vista tinha que ter um homem ao seu lado. O que a obra aponta casa com o que Simone De Beauvoir falava em meados da década de 60, questionando: “De onde vem essa submissão da mulher?” (2016, p.14) já que a mulher deve se prostrar a uma realidade de múltipla aceitação, tanto pela sociedade, quanto pelo seu marido ao qual iria dedicar a sua vida.

Shug é a única personagem dentro da obra que decidiu seguir sua carreira ao invés de seguir o padrão da sociedade que era ser dona de casa. Assim, vemos que ela é uma cantora de sucesso. Desse modo a personagem destrói com a concepção social de que seguir o seu sonho profissional destruiria todo o valor que ela teria para ser vista como uma boa mulher e esposa diante a sociedade. Existem várias teorias a respeito da origem das relações de poder estabelecidas entre homem e mulher, mas a que perdura é a biológica que organizou as primeiras sociedades baseadas na força física masculina e restringiu as tarefas domésticas junto ao voto de silêncio para o sexo feminino. Já que antigamente a força era algo de grande importância, é correto afirmar que o homem, biologicamente, tem mais força que a mulher; sendo assim, alguns deveres foram limitados às mulheres com a concepção de que apenas o homem conseguia exercer certas atividades. Sobre isso, Simone elucida:

Assim, é a mulher independente dividida hoje entre seus interesses profissio-nais e as preocupações de sua vocação sexual; tem dificuldade em encontrar seu equilíbrio; se o assegura é à custa de concessões, de sacrifícios, de acrobacias que exigem dela uma perpétua tensão. Aí, muito mais do que nos dados fisiológicos é que cabe procurar a razão do nervosismo, da fragilidade que muitas vezes se observam nela (BEAUVOIR, O segundo sexo, 1967, p. 416).

A opressão social também poda até as personalidades mais fortes, e nisso é notado a relação dos homens com a personagem de Sofia, que está presente para contrariar o pensamento de que o homem sempre terá mais força que a mulher em questões biológicas. Nela é encontrado a força e a autoafirmação, ela sabe o que quer e dá enorme valor ao que deseja ou conquista. Valor este que é

recorrentemente repreendido dentro da obra, afinal, para a sociedade, Sofia não poderia ser livre demais, pois era preta e mulher.

E nesse contexto, ao analisarmos a dominação masculina, podemos vê-la em variáveis situações. De um modo agressivo e visível, encontraremos a subjugação feminina no espaço público, observando as desigualdades trabalhistas; no meio privado, através da violência a partir do casamento, do assédio sexual e moral. Assim, a narrativa apresenta como o casamento de Harpo e Sofia era representado:

O Harpo que saber como fazer pra Sofia obedecer ele. Ele senta lá na varanda com Sinhô _____. Ele fala, Eu falo pra ela uma coisa, ela faz outra. Nunca faz o que eu falo. Sempre responde. Pra dizer a verdade, ele parece até um pouco orgulhoso disso, eu acho. Sinhô _____ num diz nada. Solta fumaça. Eu falo pra ela que ela num pode tá toda hora visitando a irmã. A gente agora tá casado, eu falo pra ela. Seu lugar é aqui com as criança. Ela fala, eu levo as criança comigo. Eu falo, Seu lugar é comigo. Ela fala, E você num quer vir? Ela continua se infeitando na frente do espelho, e aprontando as criança ao mesmo tempo. Você nunca bate nela? Sinhô _____ pergunta. Harpo olha pras mão dele. Não senhor, ele fala baixo, sem graça (WALKER, 2021, p. 51).

Numa tentativa de coibir o crescimento exacerbado da mulher, a figura masculina logo se prostra a reprimir seu corpo e sua alma. Sofia, durante toda a obra, se nega a ser quebrantada por essa realidade. Sua imposição ativa, porém, lhe coloca sempre em situações de choque não só com figuras masculinas isoladas, mas sim com toda a sociedade que se constrói nessa opressão. Desse modo, a violência acompanha Sofia por toda obra, desde a criação que teve em seu âmbito familiar rodeada por homens, onde ela teve que brigar com o pai, irmãos e primos para ter algum meio de voz dentro de casa: “Toda minha vida eu tive que brigar. Eu tive que brigar com meu pai. Tive que brigar com meus irmãos. Tive que brigar com meus primos e meus tios. Uma criança mulher não tá segura numa família de homem” (WALKER, 2021, p. 56). Sofia sempre sofreu grandes abusos e opressões durante sua trajetória na obra, tanto do seu marido, Harpo, que lhe batia e agredia verbalmente, como também em um acontecimento que houve com a esposa do prefeito, de quem Sofia sofre agressão e acaba agredindo a mulher deste homem. Isso faz com que Sofia seja presa e passe por situações lamentáveis, que quase a mataram. Mas Sofia em nenhum momento demonstra que tem vontade de desistir, pelo contrário, ela é a mulher que podemos usar como exemplo dentro da obra como a mulher negra que luta pelos seus direitos.

Na narrativa, Celie é a personagem de maior complexidade. O texto mostra que a protagonista sofrera, em diferentes momentos da sua vida, todo tipo de abuso possível, sempre sendo vista e reprimida como um capacho, seja de seu padrasto ou, posteriormente, de seu marido. Sua relação com o homem que a criou como pai é na realidade uma sucessão de abusos sexuais e psicológicos. Ao engravidar do seu padrasto pela segunda vez, Celie é retirada da escola, fazendo a personagem se desenvolver como uma semianalfabeta que só vai encontrar motivação para leitura na própria dor de ser separada de sua irmã:

Da primeira vez que eu fiquei de barriga, o Pai me tirou da escola. Ele num quis saber se eu gostava de lá ou não. Nettie ficou lá no portão segurando apertado na minha mão. Eu tava toda vistida pro primeiro dia. Você é muito boba pra continuar indo pra escola, o Pai falou (WALKER, 2021, p. 22).

Celie tem suas vontades constantemente repreendidas, seja sua vontade de efetivamente ser mãe, já que, nas duas vezes que engravidou a jovem, seu padrasto vende seus filhos para a mesma família local; seja no próprio desprezo pela educação Celie, já que nem expressar vontade sobre a permanência ou não na escola lhe foi possível.

O processo de alienação sofrido pela protagonista é tão violento que até o ato do seu casamento mais se parecia um comum ato de compra e venda, já que, interessado inicialmente em Nettie, Albert, ao qual Celie irá apenas se referir como “Sinhô”, tem seu desejo inicialmente negado, uma vez que a irmã mais nova ainda é vista com valor pelo chefe da família, explicando que a única negociável era a própria Miss Celie, já que ele quer “livrar-se da mercadoria”. Assim, ela é oferecida a “Sinhô” como uma possível mão-de-obra necessária para gerenciar a casa. Entende-se que Albert a leva para morar com ele porque ela é boa para o trabalho, apesar de não ter os requintes físicos desejados por ele: “Ela é feia”, ele fala. Mas num istranha trabalho duro” [...] “Ela trabalha como um homem” (WALKER, 2021, p. 19/20). Ela a todo momento é objetificada, servindo apenas como mão de obra barata, uma vez que trabalha como um homem. Então, sua própria condição feminina é subtraída.

Ao unir as personagens em momentos diferentes da obra, a figura da mulher negra em Celie passa por descobrimentos, tanto social quanto pessoal. Ela admira a força de Sofia, seja sua força física até sua força para manter sua identidade, mas não tem coragem de fazer o mesmo. Já em Shug, Celie percebe a força da atração:

A mulher mais linda queu já vi. Ela mais bunita que minha mamãe. Ela é mais de dez mil vezes mais bunita que eu. Eu vejo ela lá dentro do casaco de pele. O rosto dela é vermelho. O cabelo dela parece uma coisa! Ela ta rindo com o pé em cima do carro de alguém (WALKER, 2021, p. 16).

Neste ponto, a jovem Celie desperta desejos sexuais que até então nunca tivera. Assim, o sexo que até este ponto tinha entrado em contato lhe era um martírio, pois não desejava seu marido e apenas atendia às ordens dele, Todo o ato sexual é visto como uma obrigação dolorosa que ela em que cumprir:

Você gosta de dormir com ele? eu perguntei. Gosto, Celie, ela falou, eu tenho que confessar. Eu adoro. Você não? Não, eu falei, Sinhô____ pode dizer procê, eu num gosto de jeito nenhum. Como é? Ele trepa encima da gente, levanta a camisola até a cintura, infia. Na maioria das vezes eu fico imaginando que num tô lá. Ele nunca repara a diferença. Nunca me pergunta como eu me sinto, nada. Só faz o negócio dele, sai, vai dormir (WALKER, 2021, p. 98).

Celie, que é submetida a todo tipo de humilhação se vê inferior a si mesma, isso porque o jeito que ela foi tratada pelas pessoas que passaram pela sua vida fez com que a mesma oprimisse a si mesma, seus direitos de ser mulher e ser humano. Desse modo, ela se enxerga como objeto específico ao qual seu padrasto e o Sr. podem suprir seus desejos e necessidades, fazendo a mesma se sentir feia, diminuída e incapaz de sentir qualquer tipo de sentimento bom que possa existir através do contato sexual. Com isto, a repressão a seu corpo na figura dos abusos do pai, a repressão a seus direitos na subtração dos seus filhos e retirada de qualquer chance de um desenvolvimento sexual saudável fazem da protagonista uma vítima completa do racismo e do patriarcado institucional que a sociedade tem em sua gênese, uma vez que a formação de sua identidade passa muito mais pela construção que lhe é imposta do que pelo seu próprio querer.

A narrativa mostra que, pouquíssimas vezes em sua história, Celie pôde de forma evidente desejar algo e efetivamente conquistá-lo. Quando isso realmente de fato acontece, sua primeira atração é pela Shug Avery, ela era uma rainha para Celie. Funcionando como exemplo a ser seguido, Celie se inspira em Shug mesmo antes de a conhecer pessoalmente: “eu penso qual seria a cor que Shug Avery usa. Ela parece uma rainha pra mim [...]” (WALKER, 2021, p. 35). Com esta admiração que Celie tem pela personagem Shug Avery, pode-se afirmar que foi através dos cuidados que Celie teve com Shug no período em que ela estava doente que Celie,

pela primeira vez na vida, conseguiu desenvolver um sentimento diferente de qualquer outro, passando da admiração para a amizade e depois para o desejo sexual. Depois desse construto de afetividade, Celie começa uma nova fase de descoberta, tanto em relação aos seus sentimentos quanto do seu corpo. Desse modo, Shug vem para mostrar para Celie que ela pode ser muito mais do que ela imagina, quebrando assim o medo que ela tinha por conta do mundo masculino e racista que a inferiorizava.

4 VIOLÊNCIA E OPRESSÃO DENTRO DA OBRA A COR PÚRPURA

No início do romance, Celie é vítima do padrasto, depois do marido, e, desde sempre, do sistema patriarcal. Sua atitude, diante de todas essas forças opressivas é de passividade: “Não sei lutar. Tudo o que posso fazer é permanecer viva” (WALKER, 2021, p. 18). Mas, com o auxílio das outras mulheres, como foi apontado anteriormente, Celie confronta sua nova identidade e as revelações contidas nas cartas enviadas para sua irmã Nettie: “Me sinto tonta. Meu pai foi linchado. Minha mãe era louca. Todos os meus meio-irmã e irmã num são meus parentes. Meus filhos num são minha irmã nem meu irmão. O pai num é pai” (WALKER, 2021, p. 210). Celie recebe muita informação de modo abrupto, o que faz com que a mesma fique desorientada sem saber o que fazer. Ao reconhecer o quanto foi privada do que mais ela amava, a personagem passa a perceber a realidade à sua volta de forma nova, dando destaque ao modo opressor com que foi tratada.

Há muitas maneiras pelas quais as mulheres sofrem e são expostas à violência. Em termos comportamentais, a violência contra a mulher varia da simples repressão ao abuso, à agressão, à exploração e à opressão severa. Isso inclui estupro, espancamento e negação de educação para meninas, assédio físico e mental. De acordo com o Centro de Pesquisa da Universidade SNDT para Estudos femininos:

A violência, em geral, é um mecanismo coercitivo para afirmar a vontade de um sobre o outro, a fim de provar ou sentir um sentido de um poder. Os que estão no poder contra os impotentes podem perpetuá-lo. Muitas vezes nem é necessário realmente usar força física ou infligir lesão ao servidor para o principal ameaça de coerção ou ser disciplinado para agir de maneira requerida por outro indivíduo ou grupo, sujeita à violência. Isso não está necessariamente

confinado ao físico violência, mas a criação de uma atmosfera de terror, uma situação de ameaça e represália.... Uma sociedade hierárquica estruturada tem violência embutida nela (Krishna, 1991, p.18.).

A violência racial e social são aliados e têm uma existência paralela. Gloria Wade retrata este fenômeno através de círculos:

Existem três grandes círculos de realidade na sociedade americana que refletem graus de poder e impotência. Existe um grande círculo em que pessoas brancas, a maioria homens, experimentam influência e poder. Longe disso. Há um círculo menor, um espaço estreito no qual o preto pessoas, independentemente do sexo, experimentam de forma incerta exploração neste segundo círculo é o terceiro, um pequeno escuro recinto em que as mulheres negras vivenciam a dor, isolamento e vulnerabilidade (Wade, 1984, p.3.)

Estas são as marcas distintivas da feminilidade negra na América Branca. A mulher negra enfrentou a realidade da dupla violência de ambos: raça e sociedade. Ela era uma duplamente sobrecarregada, assim como retrata Gayles:

“...(na) experiência das mulheres negras, (há) a relação entre machismo e racismo. Porque ambos são motivados por interesses econômicos, sociais e forças psicológicas, é lógico que essas que procuravam minar os negros também eram os antifeministas mais virulentos. Os meios de a opressão diferiram entre as linhas de raça e sexo. Contudo a fonte dessa opressão era a mesma” (Wade, 1984, p.7.)

Com isso, é visto que a violência racial e a social coexistem em uma aliança traumática dentro da vida da mulher negra. Ou seja, discriminação racial junto com a violência social revelam-se uma combinação letal. Mulheres em geral têm que seguir os papéis definidos para eles pela sociedade. E quem mais, senão os homens, compõem a sociedade que estabelece normas diferentes para homens e mulheres? Qualquer mulher que se recusa a seguir essas regras é imediatamente condenada.

A obra de Walker retrata bem como as mulheres são dependentes dos homens, seja isso de forma direta ou não. Na obra alguns desses homens chegam a

cometer um tipo de violência de modo injustificável contra elas, o que faz com a que a narrativa traga reflexões profundas pelo fato deste contexto ser bem detalhado em questão da opressão e violência dentro daquela sociedade afro-americana. Normalmente, ela traz para seu trabalho uma minuciosa observância do ódio negro e da destruição da identidade e independência da mulher na obra. A violência nesta obra de arte mostra que a dominação masculina vem aliada à discriminação racial, o que gera um poder predominante, que esmaga, por exemplo, a sempre corajosa Sofia. A Sofia é testemunho do fato de que nenhuma quantidade de força de um indivíduo pode efetivamente atingir a violência coordenada quando o indivíduo reconhece do que é capaz. A violência racial pode ser vista diretamente através dos incidentes que acontecem com Sofia, porque ela se recusa a servir a esposa do prefeito como empregada doméstica. Uma única resposta negativa tornou sua vida pior que o inferno. Naquela sociedade preconceituosa, como Sofia é negra, ela não tem o direito de dizer 'não' ao homem branco e poderoso, mesmo que a proposta do homem branco fira a dignidade da mulher negra.

O formato epistolar do romance também chama a atenção para a opressão educacional que as personagens femininas estão sujeitas. O uso do dialeto de Walker, e a incorporação de um inglês diferente, ilustram o status inferior das personagens femininas. Algo importante a ser analisado e observado é a maneira como a personagem normalmente escreve. Fica evidente que o tipo de escrita não é feito através da língua padrão. Isso evidencia, desde o início do romance, a falta de educação escolar que Celie teve. Assim, a linguagem usada pela personagem oferece ao leitor a possibilidade de sentir um pouco seu trauma de isolamento, como é citado quando Celie é abusada pela primeira vez pelo seu padrasto:

“Quando aquilo doeu, eu gritei. Ele começou a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acostumar. Mas eu num acostumei, nunca. Agora eu fico enjoada toda vez eu sou eu que tenho de cozinhar. Minha mamãe, ela fica o tempo todo encima de mim e olhando. Ela tá feliz porque ele ta bom pra ela agora” (WALKER, 2021, p.10).

A ortografia e gramática que Celie usa jogam contra uma leitura suave, recriando a sensação de confusão, turbulência e fragmentação que ela experimenta após o início do abuso, bem como ao lidar com as consequências do trauma. O

linguajar também recria simultaneamente os sentimentos de isolamento, confusão e desamparo que acaba sendo a experiência de muitas vítimas do trauma mental e sexual. A sensação de confusão posiciona o leitor para perguntar por que os personagens são vítimas de tal abuso violento. Através da linguagem é mostrado a opressão educacional de Celie, Sofia e Squeak sofrem por causa de seu gênero e raça, o que contribui diretamente para seu desenvolvimento traumático.

O romance é cheio de implicações da desigualdade racial, com Celie representando a opressão das mulheres afro-americanas em posições de subordinação. As personagens femininas do romance estão em clara desvantagem intelectual porque, como afro-americanas e mulheres, obter uma educação não se enquadra no seu status, apoiando o fato de que gênero e raça são as causas do trauma social. A falta de oportunidade das mulheres transcende para uma vida de discriminação, opressão e abuso.

Para a narrativa de Alice Walker, o trauma é cumulativo. Ela examina o impacto de gênero e raça nas mulheres americanas através de uma ampla gama de violência interpessoal. A violência resulta do problema sistêmico maior à mão, que inclui fatores contribuintes como os rígidos papéis sociais das mulheres em contraste com o complexo de superioridade dos homens. Os papéis categóricos determinam o que as mulheres afro-americanas podem e não podem fazer. Celie, Sofia e Squeak fazem parte de duas categorias que produzem adversidades específicas na sociedade. Categorias essas que são impostas pela sociedade, que condenam essas mulheres que sem perceber são induzidas a serem objeto sexual e doméstico, limitando o poder de cada uma delas de se expressar ou se impor a algum papel que vá além do âmbito em que vivem.

Apesar do trauma sofrido pelas mulheres, elas são capazes de passar por importantes transformações em seus processos de cura. Judith Herman desenvolve a dificuldade de tal tarefa. Ela explica que eventos traumáticos tensionam as relações sociais e desafiam nosso senso de identidade. Celie, Sofia e Squeak, como um todo experimentam a sensação de desconexão e crenças despedaçadas que Herman afirma ser típica de sobreviventes de traumas; mas as mulheres ainda demonstram uma transformação.

Embora a opressão, a violência e o trauma baseados em gênero e raça possam destruir o mundo da vítima, a cura e o crescimento não são impossíveis. Herman explica que uma resposta de apoio de outros pode mitigar o impacto da tal

evento. Embora o senso de identidade da vítima tenha sido danificado, “esse senso pode ser reconstruído apenas como foi construído inicialmente, em conexão com outros” (HERMAN, 1992, p. 61). Celie, em particular, valida o poder de sustentação; sua transformação depende de suas conexões fortes e curativas. Ela encontra sua voz em suas relações com mulheres que vivenciam o mesmo sofrimento que ela. Enquanto as mulheres estão realmente traumatizadas no romance, elas são permanentemente presas pela violência. Infelizmente, seu trauma é indicativo e gerado por uma grande e sistemática rede da violência em questão. O que também nos leva a lembrar que, no romance, uma das pessoas a sofrerem mais na obra é a personagem protagonista da história, Celie. Ela sofre muita violência física e psicológica, desde quando vivia com seu pai e depois ao ser forçada a se casar com um homem mais velho, quando passa a ser designada apenas um objeto sexual e uma doméstica.

Desde muito nova, Celie sofria abusos sexuais, psicológicos e morais por parte do homem que dizia ser seu pai. Em decorrência disso, ela foi privada de sua infância, adolescência e juventude. Essa violência lhe tirou a possibilidade de construir uma vida melhor, de estudar e de brincar como toda criança deve ter. Além de ser violentada sexualmente por seu pai, Celie acaba engravidando duas vezes dele e dando à luz a um menino e uma menina, sendo, depois, privada de ter a possibilidade de ficar ao lado das crianças. Ela sofre vários tipos de opressão, não só por ser negra, mas sim por ser mulher, por não ter voz na sociedade machista, manipuladora e agressiva, onde as mulheres são tratadas como objeto de prazer, empregadas domésticas e como objeto de reprodução:

“Ele me bateu hoje porque disse queu pisquei prum rapaz na igreja. Eu podia tá com uma coisa no olho, mas eu num pisquei. Eu nem olho pros homem. Essa que é a verdade. Eu olho pras mulher, sim, porque num tenho medo de-las” (WALKER, 2021, p. 15).

Desde a criação que teve com seu padrasto, Celie sempre se sentiu oprimida, mas ela não sabia como lidar com esse sentimento. Como ela não tinha ninguém que a guiasse, depois da morte da sua mãe, sobre o que ela deveria fazer, a personagem sofre com a falta nas mãos do sinhô. Na concepção da personagem, tal tratamento parece ser algo natural, como parte da relação marido e mulher:

“Ele bate em mim como bate nas crianças. Só que nas crianças ele nunca bate muito forte. Ele fala, Celie, pega o cinto. As crianças ficam lá fora olhando pelas frestas. Tudo o que eu posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tabua. Eu falo pra mim mesma, Celie você é uma árvore” (WALKER, 2021, p. 13).

Mesmo Celie passando por esse tipo de humilhação, agressão, abusos e opressão, ela consegue enxergar que não devia estar passando por nada disso, ela enxerga que o que fazem ela passar é errado; por isso, que se sente injustiçada por seu enteado Harpo acreditar que o pai dele bate nela por ela não o obedecê-lo:

Querido Deus, Harpo pergunta pro pai porque ele bate em mim. Sinha Fala, Porque ela é minha mulher. Depois, ela é teimosa. Todas mulher são boa pra .. ele não termina. Ele só infia a cara no jornal como ele faz sempre. Me faz lembrar o Pai. O Harpo me pergunta, Por que que você é teimosa? Ele num pergunta por que que você é mulher dele? Ninguem Pergunta isso. Eu falo, eu nasci assim, eu acho. Ele bate em mim como bate nas crianças. Só que nas Criança ele nunca bate muito forte. Ele fala, Célie, pega o cinto. As crianças ficam lá fora olhando pelas fresta. Tudo o que eu posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tábuas. Eu falo pra mim mesma, Célie, você é uma árvore. E por isso que eu sei que as árvore têm medo dos homem (WALKER, 2021, p.37).

Dessa forma, a narrativa destaca o modo patriarcal e violento da visão do masculino sobre o feminino, que é considerado irracional, como sinônimo do meio natural, exemplificado através da árvore, que neste caso significa resistência. Assim, fica evidente que o pai de Harpo lhe ensina como destratar uma mulher, lhe passa que o errado é com algo certo. Por isso, Celie não concorda com as atitudes de seu marido e nem com as perguntas indesejadas que Harpo lhe faz. Fica evidente, também, no trecho referido, que ela queria que alguém se importasse com ela, que lhe ajudassem a respeito do que sofre ou que pelo menos intervissem. Levando em conta o construto social do espaço do romance, é quase impossível que o desejo de Celie, de encontrar alguém que se importasse como o sentimento de uma mulher negra, fosse atendido. Tudo isso faz com que ela desenvolva a impressão de que o que ela sente não é importante para ninguém e nem para ela mesma.

Celie não é a única que sofre agressão física na história. Outra que passa pela mesma coisa é a esposa de Harpo, Sofia, só que ela não aceita calada o que seu marido tenta obrigá-la a fazer. Sofia é uma das personagens fortes. Na narrativa, ela vem como uma personagem feita para desfazer o pensamento de que só o homem tem poder de voz, ou que todas as mulheres devem ser submissas aos seus maridos. Ela luta pelo que quer e não abaixa a cabeça para ninguém lhe maltratar. E é por isso que Sofia e Harpo tem vários momentos de violência mútua:

Eles lutam. Ele tenta dar um bufetão nela. Pra que ele faz isso. Ela agacha e pega um pedaço da lenha do fogão e senta nele bem no meio da cara. Ele acerta ela na barriga, ela se dobra gemendo mas levanta com as duas mão agarrando bem a parte baixa dele. Ela continua de pé só com a roupa de baixo. Ela nunca mexe nem um olho. Ele pula pra dar uma porrada no queixo dela, ela joga ele de longe. Ele cai pumba! Contra o fogão (WALKER, 2021, p.53).

Diferente de Celie, Sofia luta pelos seus ideais e não quer ser mandada por nenhum homem, ela apanha, mas também bate em Harpo quando ele parte pra cima dela, ela não aceita nenhum tipo de agressão calada que venha de seu marido ou de qualquer outra pessoa, o que faz com que Celie tenha o primeiro contato de um comportamento totalmente diferente daquele esperado para o feminino. Assim, pode-se dizer que é a partir do diálogo que Celie tem com Sofia que a protagonista passa a pensar diferente:

Eu falei, Você sente pena de mim, num sente? Ela pensou um minuto. Sim, senhora, ela falou devagar, eu sinto. Eu acho que eu sabia porque era, mas perguntei pra ela, de qualquer jeito. Ela falou, Pra dizer a verdade, você me faz lembrar minha mãe. Ela tá debaixo do polegar do meu pai. Não, ela tá debaixo do pé do meu pai. Tudo que ele diz, ela faz. Ela nunca responde. Ela nunca se defende. Tenta às vezes defender um pouco as criança, mas isso sempre sai pela culatra (Walker, 2021, p. 57).

Para o leitor, fica evidente que, até aquele momento, apenas um pensamento é desenvolvido pela protagonista na narrativa. Mas, depois da conversa que Celie teve com Sofia, ela percebeu um ponto de vista diferente do seu, que indicava que

outra pessoa a enxergava como vítima. Ela ainda vai continuar sendo oprimida e violentada, em qualquer canto que esteja, principalmente dentro de casa. Só que agora com a certeza de que as pessoas que estão vendo seu sofrimento percebem que o que ela vive com o sinhô não é certo:

“Eu vou dar um jeito nela! Sinhô falou e pulou pra cima de mim. Um redi-muinho vuou pela varanda no meio da gente, encheu minha boca com pó, Tudo que você fizer pra mim, já ta feito pra você. Quando eu vi, Shug tava me sacudindo. Celie, ela falou. E eu voltei a mim” (WALKER, 2021, p. 243).

Depois de muito tempo passando por humilhações que não lhe cabiam, e depois da entrada de Sofia e Shug em sua vida, Celie começou a perceber e absorver os ensinamentos pro-postos por Shug: de como ela realmente deveria ser tratada. Mas o mais relevante de tudo é o momento em que Shug revela para Celie que o sinhô escondia as cartas da sua irmã. Só então a protagonista desenvolve o sentimento de ódio e revolta:

Chegou mais carta? Eu perguntei. Ele falou, o quê? Você me escutou, eu fa-lei. Chegou mis carta da Nettie? Se tivesse chegado, ele falou, eu num ia dar procê. Eu amaldiçoo você, falei. O que você quer dizer? Ele falou. Eu falei, até você num me fazer mais mal, tudo que você tocar vai apudrecer” (WALKER, 2021, p. 242).

Com esse acontecimento, Celie vai descobrindo tipos de sentimentos que antes ela não conseguia decifrar. E começa a mudar o modo como percebe o mundo a sua volta. Por exemplo, agora ela sabe que tem direito de receber as cartas da irmã. E isso é fruto da relação que desenvolve com Shug Avery, que também disponibiliza para Celie uma vida longe da realidade vivida com o sinhô. Com todo esse processo, a protagonista também consegue descobrir o que realmente gosta de fazer. Assim, ela se tornará uma empreendedora, e os artefatos que costura e a revenda têm algo de simbólico: calças para mulheres e homens, coloridas e práticas, confortáveis e adequadas para todos: "Eu agora to ocupada fazendo uma calça pra Sofia. Uma perna vai ser púrpura, a outra vermelha. Eu sonho que a Sofia vestindo essa calça, um dia ela vai pular por cima da lua." (WALKER, 2021, p.252). Com toda essa revira volta em sua vida, Celie se sente renovada por finalmente ter descoberto algo que realmente ela goste de fazer.

Assim temos um momento de descoberta pessoal, quando Celie se torna e se sente diferente: "E eu também tô diferente. tô de um jeito diferente. Tô com uma calça azul iscura e uma blusa de seda branca justa. Sandalinhas baixas vermelha sem salto e uma flor no cabelo" (WALKER, 2021, p.253).

Com tudo indo bem a família é assim reconstituída. Após a morte de Alphonso, sua libertação e independência vem graças a Shug; logo depois acontece a volta de sua irmã, Nettie, com o marido Samuel e seus filhos. Essas são conquistas relevantes para as memórias e a histórias que são readquiridas e restauradas, depois de uma trajetória árdua. Ao final, Celie conquista tudo o que ela queria, sua independência, família, e o amor que a fez se descobrir e recriar uma nova história.

De modo positivo, a narrativa de Alice Walker mostra que a força de Celie e as ligações com outras mulheres que formam o núcleo feminino do romance são os responsáveis por fazer a protagonista superar todo um histórico de violência e racismo.

5 CONCLUSÃO

Neste presente trabalho, foi realizado uma análise do romance epistolar *A cor púrpura*, de Alice Walker, tendo em vista uma perspectiva sobre a violência e opressão sobre as mulheres negras dentro da obra. Desse modo, buscamos analisar a personagem feminina e negra, Celie, que é a protagonista da narrativa. Assim, analisamos como a personagem Celie Jhonson lida com a violência sexual presente em sua vida; como o racismo e a violência culminaram no ato horrendo do estupro; como a união de mulheres negras fez com que a protagonista cultivasse sua libertação.

Com base no material teórico que lemos para este estudo, destacamos pontos importantes que foram apresentados ao longo de nosso texto: o controle masculino sobre a mulher; a figura da mulher como papel de subjugação; a necessidade da aprovação da sociedade sobre a mulher negra; violência racial e social. Ainda tocamos em outros pontos que nos fizeram entender melhor o que a narrativa apresenta. Assim, temos também as relações de biopoder, e a temática dos estudos feministas, destacando o papel do feminismo negro.

Essa obra ficcional de Alice Walker nos ajuda a compreender a trajetória e a luta da mulher para ter um papel digno na sociedade é essencial. O que fizemos aqui ainda lança luz sobre questões raciais. Desse modo, a história de Celie Jhonson representa a evolução da mulher negra dentro de uma sociedade machista e sexista, destacando o modo violento e opressor que a mulher negra foi tratada dentro do contexto em que a narrativa se passa.

Como uma construção artística, o romance *A cor púrpura* não pode ser esgotado com o que foi escrito sobre ele. Assim, é perceptível que se tem muito ainda a ser dito sobre esta obra, pois ela apresenta outros pontos importantes que podem ser levantados através de possíveis outras análises literárias. Como exemplo, citamos as discussões sobre preconceito, as construções sobre manipulação psicológicas, a descoberta da sexualidade, entre outros pontos. Isso mostra a grandiosidade do poder da obra de arte para entendermos a sociedade a nossa volta.

Do ponto de vista pessoal, o conhecimento que foi possibilitado acerca da figura feminina negra ao longo desse estudo nos fez pensar e questionar a história de diferentes mulheres negras, seus anseios, traumas e embates socioculturais. Como maior legado, criamos um respeito sobre o caminho que foi percorrido por cada uma dessas mulheres, que lutaram ao longo desses anos para estar onde nós, mulheres, estamos hoje, isso é o mínimo sobre tudo o que se foi apresentado. Assim, esperamos dar sequência a estes estudos em novos caminhos da nossa carreira acadêmica.

REFERÊNCIAS

Beauvoir, Simone. **O segundo sexo**. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acessado em: 05 de agosto de 2021.

Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU_Pierre_A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646 . Acessado em: 17 de julho de 2021.

Crenshaw, Kimberle. “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color.” **Stanford Law Review** (1991): 1241-1287.

Herman, Judith. **Trauma and Recovery**: The aftermath of violence – from domestic abuse to political terror. New York, NY: Basic Books, 1992.

Jackson, Stevi. **Women’s Studies: Essential Readings**. New York: New York UP, 1993.

Krishna, Maithrey (ed). **Women and Violence: A country Report**, Bombay: Research centre for **Women’s Studies**, SNDT Women’s University, 1991.

Mbembe, Achille. **Necropolítica**. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf> Acessado em: 22 setembro de 2021.

Selzer, Linda. “Race and Domesticity in The Color Purple.” **African American Review** 29.1 (1995): 67.

Wade Gayles, Gloria. **No Crystal Stair: Visions of Race and Sex in Black women’s Fiction**. New York: The pilgrim Press, 1984.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em todos os momentos esteve comigo.

À minha família, que sempre me apoiou desde o início da minha jornada acadêmica.

Aos meus pais que sempre fizeram de tudo para que eu tivesse uma boa educação.

À minha avó, pois se hoje eu estou onde estou é graças a ela que me deu uma educação particular excelente desde pequena.

A todos os professores que contribuíram para minha formação e aprendizado dentro da universidade.

Em especial, ao meu professor e orientador Vilian Manguiera, por todo conteúdo repassado desde o primeiro período, de quem hoje me orgulho da escolha que fiz para o mesmo ser meu orientador; obrigada por tudo, seus ensinamentos com certeza irão ficar marcados nessa minha trajetória.

Aos amigos que fiz durante esse percurso acadêmico, que foram poucos, mas essenciais para que eu não desistisse.

Ao meu melhor amigo que sempre me apoiou e acreditou em mim até quando nem eu mesma acreditava.

A minha irmã, que me acompanhou de perto nos dias mais difíceis e que foi minha força em forma de pessoa para que eu chegasse até aqui.

A todos os meus amigos, que estiveram comigo nessa trajetória e que me ajudaram quando precisei.